



Interconexão Entre Pintura, Vida e Religião: A Obra Mural Sacra Moderna de Emeric Marcier

Ilton José de Cerqueira
Filho ¹

Interconnection
Between Painting,
Life and Religion:
The Emeric Marcier
Modern Sacred
Mural Work

¹ Mestre em História pela UFJF. E-mail:
iltonjosedecerqueirafilho@yahoo.com.br

Resumo:

Este artigo pretende nos fornecer um panorama da contribuição, prestada à Arte Mural Brasileira, pelo pintor judeu romeno, convertido ao catolicismo e naturalizado brasileiro, Emeric Marcier, autor de extensa obra mural, com a temática religiosa, executada entre os anos de 1946 e 1960. Marcier fez parte da primeira geração de artistas judeus que imigrou para o Brasil. Residiu, inicialmente, no Rio de Janeiro e, depois, na cidade de Barbacena, Estado de Minas Gerais.

Palavras-chave: Pintura Mural; Afresco; Conversão.

Abstract:

This article aims to provide us with an overview of the contribution, given to the mural art in Brazil, by the Jewish Romanian painter, converted to Catholicism and naturalized Brazilian, Emeric Marcier, author of extensive work mural, with the theme of religion, performed between the years of 1946 and 1960. Marcier was part of the first generation of Jewish artists who immigrated to Brazil. He lived, initially, in Rio de Janeiro and then he moved to Barbacena, Minas Gerais.

Keywords: Mural; Fresco; Conversion.



Figura 01. Emeric Marcier.¹

Foto: Acervo de Matias Francisco Racz Marcier.

Introdução

Há pouco mais de cem anos, mais precisamente no dia 21 de novembro de 1916, nascia em Cluj-Napoca, interior da Romênia, o pintor que viria marcar, de maneira indelével, o panorama da pintura mural moderna brasileira produzida com a temática religiosa: Emeric Marcier.

Marcier imigrou para o Rio de Janeiro, na década de 40, período no qual a pintura mural estava em evidência, influenciada pelo Muralismo Mexicano. No Brasil, a Igreja Católica valia-se da missão cristã de propagar o Evangelho através da imagem: a “Bíblia dos Ilustrados”.

Jovem, com apenas 24 anos de idade, recém-formado na Itália e especializado em Paris, aqui aportou Marcier. Como vínculo com a que seria sua nova pátria, apenas três cartas de recomendação, das quais ele usou duas; prática comum para conseguir trânsito em determinados lugares ou meio social. Por ocasião de nossa pesquisa, encontramos um artigo de jornal, de autoria do repórter Marcelo Remígio, intitulado “Exilados da Segunda Guerra Mundial Ganharão Memorial”, no qual ele nos inteira o seguinte, sobre esta conduta:

Dezesseis mil histórias de imigrantes que tiveram o mesmo destino: desembarcar no Brasil e fugir dos governos fascistas durante Segunda Guerra Mundial. O resgate [...] de parte dessas vidas está nas mãos de [...] historiadores do Rio e fará parte do Memorial dos Exilados. O acervo reunirá documentos de entrada no país, cartas de recomendação para vistos, fotos, cartazes e jornais. O material [...] é referente a imigrantes que, de alguma maneira, contribuíram para a ciência, artes, música e literatura. [...].

¹ Foto de Emeric Marcier, na Rua Aprazível, Santa Teresa, Rio de Janeiro, 1943.

O Memorial dos Exilados funcionará na Casa Stefan Zweig, museu dedicado à memória do escritor austríaco autor do livro *“Brasil um País do Futuro”*, que fugiu do nazismo e escolheu o país como refúgio. [...]. Além de preservar a memória do escritor, o museu reservará espaço para “outros Stefans” que chegaram ao Brasil e contribuíram com o país. [...].

O trabalho [...] concentrado no Arquivo Nacional, em livros e nos registros de passageiros que chegaram ao Brasil de navio, entre 1939 e 1945. De acordo com o historiador da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Fábio Koifman, [...], para entrar no Brasil era necessário visto e, para conseguir o permanente, o governo exigia documentos como cartas de recomendação. [...].

[...] Koifman afirma que muitos envelopes [...] nunca foram abertos. [...] ele identificou que escritores como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, José Lins do Rego e Graciliano Ramos; pintores, entre eles Cândido Portinari; e intelectuais exerciam o “papel de anjo da guarda”, garantido aos exilados as cartas de apresentação.

- Encontramos uma carta assinada por Cândido Portinari para o pintor Emeric Marcier. No texto, Portinari dizia que o imigrante seria importante para o desenvolvimento artístico do Brasil. O curioso é que o texto foi escrito em uma tela de quadro -, diz Koifman. [...].²

Depois de integrado ao meio intelectual e artístico carioca, Marcier vislumbrou mudanças futuras em sua obra, que viriam acompanhadas à existência e fé. Aqui fixou-se, mesmo com as dificuldades iniciais de adaptação: clima, língua e ambientação. Como progressão da estada, ocorreram transformações em sua vida: família, filhos, propriedade e naturalizou-se brasileiro; em sua obra: tornou-se Modernista e, por último, em sua fé, ao converter-se ao Cristianismo Católico, o que interferiu na temática retratada.

Marcier produziu extensa obra mural, entre 1946 e 1960; variou os assuntos, locais, patrocinadores, sua destinação e até a técnica utilizada, mas o tema foi mantido: a Vida de Cristo, porém essa representação passou a vir imbuída de modificações propositais, relacionadas às próprias vivências, a antiga e a nova fé. Daí surgiu nosso título: “Interconexão Entre Pintura, Vida e Religião: A Obra Mural Sacra Moderna de Emeric Marcier”.

Biografia

Ao nascer, Emeric Marcier, foi registrado como Imre Racz. Seus pais, Simeon Racz e Ana Racz, mudaram-se, em 1933, para Bucareste, a capital; então Imre viveu só, em Cluj, até os 19 anos de idade. A renda obtida era proveniente de aulas que ministrava das disciplinas: Matemática, Trigonometria e Astronomia. Essa atuação como explicador deu origem à uma rede de convívio que possibilitou seu ingresso em um dos mais importantes ateliês da cidade.

² O GLOBO. Exilados da Segunda Guerra Ganharão Memorial. Marcelo Remígio. Primeiro Caderno. Editorial O País. Publicado em 29 de maio de 2011.

Assim como os jovens artistas da Romênia, Imre sonhava estudar em Paris. Uma mudança nos planos o direcionou para a Escola de Belas Artes de Brera, em Milão, na Itália. Para onde foi, em 1936, ingressando no segundo ano do Curso de Afresco, sob a orientação do Professor Giuseppe Palanti. Ocasão, a partir da qual, iniciou sua formação acadêmica sobre a Técnica Italiana da Pintura Mural dos Séculos XIII e XIV, sob os preceitos do Surrealismo.

Por meio de seus amigos, Imre conseguiu um emprego como desenhista, em um estúdio de artes gráficas, no qual trabalhava depois dos estudos, na Escola de Brera. A colocação no mercado de trabalho, em Milão, se deu devido ao fato de um senhor de Nápoles ter ficado impressionado com a figura de um Jesus Cristo na cor amarela que, por diversas vezes, reapareceu em sua obra. Como exemplo, podemos citar o vitral pintado, em 1960, na parte frontal da Capela Nossa Senhora dos Sagrados Corações, na sede campestre do SESC – Serviço Social do Comércio de Venda Nova, em Belo Horizonte-MG.

A forma pela qual ficou conhecido: EMERIC MARCIER; resultou da modificação feita, quando estava em Milão, para proteger-se das medidas antissemitas em vigor; então, de seu nome, de origem húngara: Imre Racz, suprimiu a letra “Z” e criou o anagrama MARCIER, com a fusão dos dois nomes, que passou a usar por toda sua vida. Acrescentado ao final, enquanto naquele país, a letra “I”: MARCIERI, para soar mais italiano e, assim, preservar a atuação como ilustrador do jornal “Settebello”.

Ao terminar o terceiro ano do curso de Brera, em 1937, solicitou autorização para prestar os exames para ingresso no quarto ano, no início do próximo período letivo, devido ao clima político desfavorável do momento. Aprovado, em 1938, redigiu seu trabalho de conclusão de curso para a disciplina História da Arte, tendo como tema o pintor espanhol Pablo Picasso, sobre o qual Marcier escreveu:

Coisa quase milagrosa, uma vez que a Itália fascista participava do massacre da República Espanhola e Picasso, além de nosso ídolo, era um símbolo; “*Guernica*” poderia ser considerada oficialmente como sua participação na Guerra Civil, através da pintura desse quadro para o pavilhão da República na Exposição Universal de Paris.³

A contemplação da tela *Guernica*, exposta no Pavilhão da República Espanhola, na Exposição Internacional de Paris, em 1937, influenciou a obra de Marcier. Picasso já era um artista reconhecido, quando pintou aquela obra de repulsa ao massacre da população civil daquela cidade pela aviação alemã. Inicialmente, renegada a mensagem de *Guernica* obteve aceitação no meio estudantil e seu autor, a admiração, por seu poder de réplica e denúncia através da arte.

Picasso foi um modelo para Marcier, a conduta deste era pautada em temas humanistas e antibelicistas, porém, mesmo após a mudança da temática, quando teve início

³AHLERS, Sílvia. Murais de Marcier em Mauá: *Afrescos na Capela da Juventude Operária Católica*. Universidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado, 2006. p. 35.

à prevalência dos temas religiosos, Marcier inseriu, em sua obra, oportunos episódios de contestação e, em alguns casos, de rebeldia.

Concluído o curso de Brera, Emeric Marcier foi para Paris e, em 1939, cursou Especialização em Escultura, na “École Nationale Supérieure de Beaux-Arts” (Escola Nacional Superior de Belas Artes). O assunto dominante era a obra dos artistas surrealistas espanhóis, Joan Miró, Salvador Dalí e Pablo Picasso.

A iminente Segunda Guerra Mundial fez com que as esperanças confluíssem para a América ou Estados Unidos, que mesmo sem uma tradição de passado artístico, segundo Marcier: “Além de dinheiro, possuía aquilo que Picasso pedia aos amantes da Arte Moderna: entusiasmo.” (Marcier, 2004, p. 33).

Conduzido pela corrente de imigrar para os Estados Unidos, Marcier enviou alguns desenhos autorais, para Nova York. Porém, recebeu a notícia do Tesouro Americano que as obras foram consideradas obscenas e, por isso, teve o visto de entrada, naquele país, negado e as obras destruídas.

Com a série de acontecimentos que precederam a Declaração de Estado de Guerra da França contra a Alemanha Nazista, seus amigos foram para Lisboa, como o pintor húngaro Arpad Szenes e sua esposa Maria Helena Vieira da Silva. Tornou-se comum ouvir o soar das sirenes, por causa dos ataques aéreos. Com este panorama tornou-se quase impossível conseguir um visto para deixar Paris, todavia Marcier procurou a Embaixada da Romênia, onde revalidou seu passaporte e obteve a permissão de entrada no Brasil.

Com a deflagração da Segunda Guerra Mundial e às perseguições aos judeus, Marcier foi para Portugal, partindo de trem da estação de Austerlitz, em Paris, até à Espanha e, depois, para Portugal, onde havia embarques em navios para o Brasil. Após algumas horas de viagem, atravessou a Espanha, país que admirou, nas sucessivas fases de sua vida: O Dom Quixote, na infância; o Picasso, na juventude e o El Greco, que o inspirou.

Em Lisboa, Marcier foi recebido pelos amigos Arpad Szenes e Vieira da Silva. A inserção no ambiente intelectual decorreu da frequência no café A Brasileira, onde, devido à repressão fascista, as conversas giravam apenas em torno da pintura e arte. Ali Marcier conheceu o poeta português José Osório de Oliveira, de quem se tornou amigo e lhe forneceu as três cartas de apresentação que trouxe consigo para o Brasil. Após isto, dirigiu-se à Embaixada do Brasil, onde obteve informações sobre o país e, de posse da documentação necessária, embarcou no navio Conte Grande, que fazia a linha Gênova, na Itália, à Argentina, na América do Sul, que incluía duas escalas no Brasil: uma em Recife e a última no Rio de Janeiro.

A Vinda Para o Brasil

Ao aportar no Rio de Janeiro, Marcier caminhou por uma rua que o levou ao início do Bairro Santa Teresa, instalou-se na Pensão Mauá. No dia seguinte, fez uso da primeira

carta de apresentação, ao procurar por Mário de Andrade.

Até então Marcier levava uma vida anônima e pacata, devido à dificuldade de comunicação como ele revelou:

A dificuldade de dialogar constatada na primeira visita que fiz naqueles dias desanimou-me de continuar a procurar os destinatários das outras duas cartas de apresentação, embora o tempo me obrigasse a agir para conseguir pelo menos as informações necessárias para retomada da minha vida de pintor.⁴

Depois de algum tempo, fez uso da segunda carta, indo à Livraria José Olympio e ali encontrando José Lins do Rego, que o integrou ao ambiente intelectual Carioca.

Inicialmente, o círculo de amizades de Marcier foi composto pelas pessoas que o receberam, dentre aqueles: o escritor Murilo Mendes, Yonne Stamato, Mário de Andrade, José Lins do Rego, o romancista Lúcio Cardoso, Júlia Weber Vieira da Rosa, Lasar Segall, Pedro Otávio, os escritores Georges Bernanos e Otto Lara Resende.

Devido à falta de galerias e museus no Rio de Janeiro, Marcier sentia-se isolado como pintor, aliado a isto, não tinha mostrado seus trabalhos trazidos de Lisboa a José Lins do Rego, pois visualizava transformações futuras. O poeta Jorge Matheus de Lima foi o primeiro a conhecer a obra surrealista de Marcier, pela qual havia ficado bastante interessado e por terem amigos em comum, em Portugal; foi em sua residência que Marcier conheceu e tornou-se amigo do poeta mineiro Murilo Monteiro Mendes.

A integração mais completa de Marcier ao bairro Santa Tereza ocorreu após encontrar, no Centro do Rio de Janeiro, um amigo do tempo de Brera; o suíço Jean Pierre Chabloz, casado com a brasileira Regina Frota Pessoa Chabloz e pai de uma menina de quatro anos, chamada Ana Maria Chabloz.

Foi no seio desta família que Marcier encontrou o apoio afetivo e estímulo à criação, tornando-se, também, amigo dos pais de Regina. De acordo com Marcier: “Neste momento ‘chegava a um ponto crucial’ de sua vida [...]” (Marcier, 2004, p. 87).

A primeira exposição de Marcier aconteceu através da intermediação e organização da poetisa Yonne Stamato, à época, namorada de Murilo Mendes, “[...] na sala de exposições da Associação Brasileira de Arte, no antigo Hotel Palace, na Avenida Rio Branco.”⁵ O evento teve início no dia 20 de junho de 1940, quando completou dois meses que estava no Rio de Janeiro, teve a duração de dez dias e divulgação na Revista Dom Casmurro.

Após esta exposição Marcier conheceu o romancista e datilógrafo do Departamento de Imprensa e Propaganda, Joaquim Lúcio Cardoso Filho. Agora residindo em Copacabana, era comum Marcier, Lúcio e seus amigos, irem até à praia de São Conrado. Habitualmente,

⁴ MARCIER, Emeric. *Deportado Para a Vida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2004. p. 75.

⁵ O GLOBO. Segundo Caderno. Manifesto Antifascista. Regina Guerra. 01 de Nov. de 1987. p. 1.

participava do grupo uma jovem chamada Karla Konder; casada com um Ministro de Santa Catarina. Marcier tornou-se amigo de Júlia Weber Vieira da Rosa, amiga de Karla, carinhosamente conhecida como “Julita”, que viria a ser sua esposa.

Julita muito contribuiu para a adaptação de Marcier ao seu país por adoção, tendo o aconselhado a mudar-se para o bairro de Santa Teresa; sugestão aceita, pois além dos amigos ali residentes, a paisagem da cidade, vista daquela altura tornou-se motivo de inspiração artística.

A necessidade de viver uma vida em família era suprida pelos frequentes almoços na casa de Jorge de Lima, os encontros familiares, na casa de Lúcio Cardoso e os jantares, na residência de Regina Chabloz. Foi nesse período que surgiu, pela primeira vez, os trabalhos com temas religiosos, sempre com ênfase na crucificação, que substituiu as paisagens de Santa Teresa, bem como os originados em sua imaginação.

Marcier fazia questão de, constantemente, representar Jesus Cristo de maneira semelhante à obra do pintor alemão Matthias Grünewald (1470-1528): retratando expressões de sofrimento e dor, reforçadas através de cores sombrias, como o preto, cinza e marrom e sempre com pessoas figurando ao pé da cruz.

Foi a partir do período, no qual alugou um dos quartos da casa de Djanira da Motta e Silva, a quem ministrou aulas de pintura, que Marcier começou a pintar a grande “Crucificação”, o que representou a ruptura com a iconografia picassiana. Mesmo sem costumeiras idas ao consultório de Jorge de Lima, isto não o impediu de ser visitado em seu ateliê pelo diretor da Revista Acadêmica, acompanhado pelo pintor Lasar Segall e o Ministro da Educação Gustavo Capanema, com Yonne Stamato. Foi na companhia desta que Marcier foi até a redação dos Diários Associados, onde seu diretor o contratou para a ilustração da edição especial da revista O Cruzeiro, sobre as cidades históricas de Minas Gerais, com ênfase à obra de Antônio Francisco Lisboa (1730/1738-1814), o Aleijadinho que, até então, Marcier nunca ouvira falar.

Publicada a 04 de abril de 1942 e, além dos diversos desenhos, realizados por Marcier, foram pintadas várias paisagens para aquela edição, assim como constou vários artigos, sendo “A Assis Brasileira”, de autoria de Emeric Marcier, no qual ele diz:

Nas ruazinhas pavimentadas de pedras ovais, que sobem até as colinas, se esconde uma surpresa a cada instante diferente.

Os moleques classificaram de “máquina” o meu cavalete. É que o cavalete de campanha, no seu desdobrar silencioso, simula fechar a serie de fenômenos maquinais justificáveis nessa atmosfera hostil às conquistas utilitárias da inteligência.

[...]

A luminosidade branda de Sabará, na sua angústia de claro-escuro, desperta uma sensação indizível, embora surdamente insistente. Sabará parece não existir, ou existir apenas num plano eterno. Difícil distinguir se é uma alucinação ou uma cidade geograficamente situada no Estado de Minas...

[...]

A gente de Sabará se entende muito bem entre si. Há uma grande boa vontade, que se manifesta no respeito ao desejo alheio. Jamais o colorido da pintura de uma casa destoa do colorido da pintura da casa vizinha. Uma sustenta e completa outra. As cores das casas são a grande conversa silenciosa, mas proveitosa, de Sabará. E se acaso o verde brilhante lança um grito rebelde no ambiente amortecido, um vermelho escuro logo o segue e o enfrenta para restabelecer o equilíbrio. Em Sabará cada recanto proclama a grande lição do respeito aos direitos dos nossos semelhantes.⁶

Marcier partiu de trem, do Rio de Janeiro até Belo Horizonte e, desta até Sabará, onde iniciou seu roteiro pictórico. Retratou Congonhas do Campo e Ouro Preto; considerou significativa esta incursão pelo interior de Minas Gerais e suas cidades ligadas ao Ciclo Histórico do Ouro, por ter sido “Reveladora para o conhecimento de uma arte genuinamente brasileira” (MARCIER, 2004, 115).

Essas obras ampliaram o acervo de Marcier, agora com obras realizadas no Brasil: A grande “*Crucificação*”, estudos preparatórios, paisagens de Minas Gerais, telas de Santa Teresa e desenhos de Julita e Regina. Enquanto isso Yonne Stamato e Murilo Mendes estimulavam a realização de nova exposição. Empreendida no dia 2 de junho de 1942, no Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro e patrocinada pelo Ministro da Educação Gustavo Capanema, teve considerável projeção e a venda de duas telas para o diretor do Museu.

Certa ocasião, Marcier e seu amigo Jean Pierre, foram visitar uma jovem suíça, chamada Irmgard, que comentou suas impressões sobre o interior do Brasil e, em especial sobre uma colônia finlandesa de Penedo, na Serra de Itatiaia, onde havia passado uma temporada e cujas fotos avivaram a curiosidade de Marcier em conhecer.

De posse de um salvo-conduto, Marcier, juntamente com o suíço Wirtz, dirigiram-se para Penedo. Um senhor Finlandês, chamado Jaako, providenciou-lhe um espaço, de forma a permitir suas atividades com telas de grandes dimensões, pelas quais sentia especial atração. Em poucos dias tornou-se amigo dos moradores da colônia, pintou seus retratos e uma “*Ceia*”. Eles eram religiosos e membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia; e foi neste ambiente de fé e amizade que Marcier conviveu uma temporada, tendo, inclusive, desfeito de sua residência em Santa Teresa. No que tange à sua produção artística, neste período era dominada pelos temas sacros, tais como: “*Crucificação*”, “*Ceia*” e “*Anunciação*”.

Valendo-se de uma técnica que consiste em separar a cor branca das outras, tratando-a como luz; Marcier usava um pigmento que ele mesmo preparava, utilizando uma fórmula semelhante à do pintor holandês Rembrandt Harmenszoon Van Rijn (1606-1669).

Marcier pesquisou as cores por mais de quinze anos. Sua intenção era obter uma representação com cores escuras, que retratasse a noite ou a escuridão, porém de maneira luminosa, usando os contrastes que o agradava: trevas e luz. Como ele mesmo citou: “Não

⁶ O Cruzeiro - Revista Semanal Ilustrada. (60 páginas) Edição Especial Cidades Históricas de Minas Gerais, de 4 de abril de 1942, p. 27, “A Assis Brasileira”, artigo de autoria de Emeric Marcier. Acervo: Museu Casa de Emeric Marcier, Barbacena-MG.

servir à técnica, mas pelo contrário, servir-se dela para fins bem premeditados” (MARCIER, 2004, p. 149).

Suas pesquisas sobre cores eram para si, algo pessoal e profundo, a ponto de Marcier cogitar a “Possibilidade desta procura ter suas implicações, muito além de uma simples pesquisa técnica, mas sim de uma luta da luz contra as trevas no seu espírito” (Marcier, 2004, p. 134).

Em resposta à carta enviada a Pedro Octávio Carneiro da Cunha, este foi visitar Marcier, em Penedo. Depois disso, Marcier resolveu voltar para o Rio de Janeiro, como não tinha mais para onde ir, deixou todos os seus pertences em Penedo e, ao desembarcar na estação ferroviária Central do Brasil, foi de barca para Niterói e passou aquela noite na Praia de Icaraí, sobre a qual ele cita, em sua autobiografia, como o momento de sua conversão:

Escolhi ou fui escolhido, tanto faz, mas no momento de total abandono fui visitado pelo Amigo. O ritual de São Conrado veio para confirmar que a esperança me aguardava depois de uma longa caminhada. Não que o sofrimento acabasse, mas daquela data em diante, tudo teria um sentido. As palavras gravadas no livro segurado pelo Pantocrator dos mosaicos bizantinos: Ego Sum Via, Vita Veritas (Eu sou o caminho, a verdade e a vida) seria o caminho certo a seguir.⁷

A segunda noite, Marcier dormiu na casa de Yonne, tencionando voltar a Penedo e buscar seus pertences. Marcier nos revelou ter conhecido, por intermédio de seu amigo Lúcio Cardoso, o Frei Osmar, da Ordem de São Francisco, que interessou-se por sua obra, composta de “Ceia”, “Crucificação” e “Anunciação”, em especial, devido ao fato de Marcier não ser católico.

Como se aproximava de seu aniversário e tinha a intenção comemorar de uma maneira nova: assumir publicamente sua nova crença e receber o Sacramento do Batismo; convidou para padrinhos os seus amigos Lúcio Cardoso, Jorge de Lima e Murilo Mendes. Tendo comunicado sua decisão a Frei Osmar, que atuou como celebrante daquele ato, no dia 21 de novembro de 1942, na Igreja de São Conrado, onde este era vigário.

O episódio é descrito pelo pintor em suas memórias como um momento de total abandono na noite da praia de Icaraí cortado pela visita de Deus, com quem firma um pacto de renúncia e devotamento. O batismo formalizaria o sepultamento do velho homem e o nascimento de um novo. No caso de Marcier, vida e obra permanecem fortemente entrelaçadas.⁸

Para Marcier, não era admitida a possibilidade de praticar uma arte e viver uma vida em contradição com esta arte, sendo uma o reflexo da outra. A premissa presta-se, ainda, para explicar as modificações feitas em suas obras, nas quais figuram reflexos de suas

⁷ MARCIER, 2004, p. 268-269.

⁸PACHECO BAPTISTA, Ana Paola. O Exílio Como Pátria Amada. Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 3. Nº 29. Rio de Janeiro: fevereiro de 2008. p. 56.

vivências.

Somos aquele mesmo ser expresso nas nossas obras de arte, apesar do árduo trabalho de dominar a matéria. Por mais importante que seja a arte inventiva, a verdadeira criação somente é reconhecida quando se torna parte integrante da vida.⁹

O reencontro com seus quadros, em Penedo, o inundou de gratidão a Deus, a quem entregou a vida, pedindo que preservasse a única razão de ser: sua pintura.

Faltava pouco tempo para o Natal e Marcier desejava participar daqueles festejos, no Rio de Janeiro; com um novo significado e o propósito de formar sua família com Julita, que o presenteou com uma *“Crucificação”*, de Rembrandt (1606-1669). Tendo, após esta data, casado com Julita na Matriz de Resende.

A partir de então a obra de Marcier passou a ser percebida por duas fases distintas: antes e pós-conversão. Marcier direcionou sua obra de cavalete e a mural, à temática religiosa, com ênfase à História da Vida de Jesus Cristo, pois disse, na autobiografia *Deportado Para a Vida*: “Ter se identificado em seus sofrimentos” (Marcier, 2004 p. 54).

No caso de Marcier, vida e obra permanecem fortemente enlaçadas, e é difícil avaliar se o assunto religioso veio a reboque de sua conversão ao catolicismo ou se sua própria conversão teria sido estimulada pela descoberta daquela temática. O certo é que, ele se identificou tanto com os motivos religiosos, a ponto de vir a ser considerado o mais expressivo pintor moderno sacro no Brasil.¹⁰

A Obra Mural de Emeric Marcier

A atuação de Emeric Marcier como muralista no Brasil, está relacionada à realização da segunda exposição e à amizade com Pedro Otávio Carneiro da Cunha.

Jorge de Lima não falava francês, então Marcier atuava como tradutor da conversa, transcorrida entre aquele e Bernanos; esta foi direcionada à sua propriedade, em Barbacena, Minas Gerais, colocada à venda, devido seu projeto de retorno à França, após o término da Guerra. Pedro Otávio, devido a admiração pelo escritor, comprou a propriedade.

Como passava grande parte de seu tempo em São Paulo e, em uma de suas estadas no Rio de Janeiro, Pedro Otávio trouxera a notícia de uma capela, dirigida por frades dominicanos, portanto com boa formação¹¹, construída nos arredores da capital paulista,

⁹ MARCIER, 2004. p. 54.

¹⁰ PACHECO BAPTISTA, Anna Paola. O Exílio Como Pátria Amada. Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 3, nº 29, fevereiro de 2008. p. 56.

¹¹ Marcier, Emeric. *Deportado Para a Vida*. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 2004. pp. 176-177. Nota Explicativa: Essa boa formação tinha sua origem no fato de: “[...] Alguns dominicanos de formação francesa, pois a Ordem,

atualmente o Município de Mauá. Comunicando a Marcier projeto da direção de uma decoração com murais, porém a serem feitos gratuitamente. Marcier vislumbrava esta tarefa como “Se chegasse a hora de redourar as plumas empoeiradas da pomba, símbolo do Espírito Santo” (MARCIER, 2004, 173). Embora a olhasse como improvável, pois tinha família e dependia da arte para sustentá-la.

Enquanto Marcier pintava o seu “*Apocalipse*”, Pedro Otávio o chamou para que fossem a Mauá, onde um padre mostrou a capela recém-construída.

Após conhecer a capela e, mesmo com as condições financeiras desfavoráveis, Marcier aceitou a tarefa da decoração, que incluíram cenas bíblicas dos Antigo e Novo Testamento, “Num instante vi tal qual diz o texto sagrado: ‘Eu João, vosso irmão e companheiro nas provações, o que vês pinta sobre a parede’” (MARCIER, 2004, p. 177).

Mesmo avaliando que a tarefa levaria anos para ser concluída, resolveu tentar, pois: “A pintura foi a única coisa que me foi deixada no despojamento depois do ‘abrenuntio’ de São Conrado, e agora chegara a vez de, em voz alta, louvar o nome do Senhor” (MARCIER, 2004, p. 178).

A execução dos murais na capela de Mauá estava sob a responsabilidade e fiscalização do Padre Eduardo Roberto Batista. Este por ignorar as fases de preparação dos murais, sempre que avistava Marcier debruçado sobre a mesa, determinava que ele deixasse aquele “Divertimento de pintor e aproveitasse a presença dos pedreiros necessários à aplicação do reboco sobre a parede” (MARCIER, 2004, p. 179).

A questão era que, o reboco sobre as paredes secava muito depressa, devido ao forte calor, Marcier coordenava os trabalhos de forma que, a aplicação da massa era concluída já bem ao entardecer, de maneira a permanecer fresca durante toda a noite, assim teria um período maior para aplicar os pigmentos, apesar da iluminação precária e insegurança dos andaimes. Sobre a estrutura dos murais, ele esclareceu como eram planejados e executados:

Sobre três camadas de reboco; acredito que a espessura de quatro centímetros sustenta até hoje, embora danificada por infiltração, a frágil construção [...] inúmeros cadernos com centenas de desenhos inspirados na leitura constante da Sagrada Escritura, muitas vezes em latim.¹²

Eram muitos murais a serem feitos, de maneira que, em determinado momento, Marcier cogitou não conseguir concluí-los. Porém, agora, estava determinado, conforme nos

naqueles tempos, era vinculada à Província de Toulouse e os noviços brasileiros estudavam no convento de Saint-Maximin, não longe de Aix-en-Provence, e Le Couturier, que editavam uma revista sobre arte com vigorosa ação a favor da Arte Moderna, conseguindo introduzir os trabalhos de Léger, Roualt, nas igrejas, e mais tarde, participar do empreendimento da Capela Vence, criada por Matisse, sem dúvida me sustentariam quanto à reforma daquela capela [...]”. Esta citação nos revela, ainda, o motivo que impulsionou Marcier a aceitar a empreitada de Mauá.

¹² MARCIER, 2004, p. 179.

relatou, sobre sua decisão, de: “Tornar-se instrumento da Vontade Suprema! Pintar para a maior Glória de Deus!” (MARCIER, 2004, p. 181).



Figura 02. Interior da Capela da Santa Casa de Mauá-SP
Foto: Ilton José de Cerqueira Filho.

Emeric Marcier em Barbacena-MG

Foi Pedro Otávio quem indicou a Marcier ir morar em Barbacena, Minas Gerais. Então, em uma de suas idas de Mauá para o Rio de Janeiro, Marcier mudou-se para aquela cidade e, dali deslocava-se para São Paulo, em continuidade ao seu trabalho na capela de Mauá.

Julita e Marcier optaram pela compra de um sítio, como presente pelo nascimento, em 1948, de seu quarto filho, o pintor Jorge Tobias Racz Marcier. Significando, segundo o próprio Marcier, o seu “Definitivo enraizamento no Brasil, para dizer, mais claramente, em Minas.” (MARCIER, 2004, p. 189). Denominando-o Sítio Santana, nome da mãe de Maria e da mãe de Marcier.

Embora não tivesse iniciado a tarefa de construção da casa, na nova propriedade, Marcier recebia constantes visitas em sua residência, entre elas a do Frei Rosário Joffily, que convenceu ao Padre Roberto, de Mauá-SP, a cogitar algum tipo de pagamento a Marcier pelos dois anos de trabalho, realizado na pintura dos murais da capela de Mauá, conseguindo o dinheiro para que Marcier construísse a sua casa.

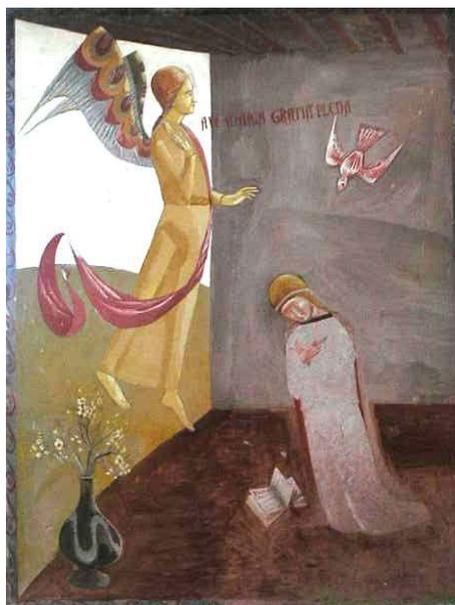
A construção da nova residência de Marcier foi encomendada a Manlio Bernini, que, “Embora exercesse a profissão de advogado, tinha uma pequena empresa de construção” (MARCIER, 2004, p. 235).



**Figura 03. Residência de Emeric Marcier, no Sítio Santana, em Barbacena-MG.
Atual Museu Casa de Emeric Marcier.**

Foto: Ilton José de Cerqueira Filho.

Enquanto a casa era construída, Marcier pintava os murais no lado externo e no salão, com temas ao gosto de Julita: “Anunciação” e “Visitação”, nos dois lados da entrada e, o “Matrimônio de Maria e José”, no centro do salão.



**Figura 04. “Anunciação”. 1949.
Museu Casa de Emeric Marcier-MG**
Foto: Ilton José de Cerqueira Filho.



**Figura 05. “Visitação”. 1949.
Museu Casa de Emeric Marcier-MG**
Foto: Ilton José de Cerqueira Filho.



Figura 06. “*Matrimônio de Maria e José*”. 1949. Museu Casa de Emeric Marcier-MG

Foto: Ilton José de Cerqueira Filho.

A mudança de Marcier para o Sítio Santana foi marcada pelo batizado de sua filha, Joana Inêz Racz Marcier, em 1950. Entre seus convidados, estava o escritor Otto de Oliveira Lara Resende, escolhido para padrinho e Elena, irmã de Lúcio Cardoso, como madrinha e Frei Rosário, celebrante do sacramento, Murilo Mendes era o amigo mais frequente no Sítio Santana.

Marcier constituiu forte laço de amizade com religiosos da Ordem dos Dominicanos, dentre os quais, Frei Martinho, para quem Marcier pintou em tela, na década de 1950, uma “*Santa Ceia*”, para decoração da capela do jornal católico, de Belo Horizonte, “*Diário*”.

Frei Martinho, ligado por vínculos de parentesco com os donos da Fazenda da Borda do Campo, visitava frequentemente Santana. Desde aquele momento me falava muito do seu desejo de ver uma Santa Ceia pintada para a capela do ‘Diário’, jornal católico de Belo Horizonte. Pinte essa tela no início da década de 50. Como também viriam muitas encomendas de murais, capelas e vias sacras, todas frutos de nossa amizade, que só se interrompeu com a chamada dele para a Eternidade.¹³

A autobiografia *Deportado Para a Vida*, nos faz saber que, por meio da amizade com Frei Martinho, Marcier obteve muitas encomendas para realização de murais, pinturas em capelas e Vias Sacras.

Para o batizado de Verônica [...] Frei Martinho, também dominicano, celebrou o sacramento. Naquele tempo vinha muito ao sítio e me animava [...], procurando novas encomendas de capelas ou telas para manter alto o meu moral.¹⁴

¹³ MARCIER, 2004, p. 206.

¹⁴ MARCIER, 2004, p. 245.

Pintura, Vida e Religião

Quanto ao estilo de sua produção artística, esta foi adaptada ao tipo de vida rural, através de outras fontes de inspiração e estímulo artístico.

Como resultado da grande repercussão da obra de Mauá, Marcier foi convidado pelo arquiteto Francisco de Paula Lemos Bolonha para, “Integrar a pintura mural na criação arquitetônica.” (MARCIER, 2004, p. 240). Tratou-se da construção da Capela Santa Maria, no Sítio Recanto das Mães, do Embaixador Hildebrando Accioly, em Petrópolis-RJ. Segundo Marcier;

A obra foi iniciada graças àquele mesmo espírito que inspiraria um pequeno grupo, primeiro o doador, como fosse na Idade Média, segundo o arquiteto e terceiro o pintor, que desta vez auscultava a vontade do primeiro e do segundo. O embaixador tinha um filho monge beneditino e, por essa razão, o assunto escolhido seguiu um desenvolvimento feliz. Os mistérios da vida de Maria, culminando na Coroação nas alturas, pelo seu próprio Filho rodeado de arcanjos e santos.¹⁵

Por ocasião desta empreitada, Marcier recebia na capela a visita de familiares do embaixador, além de seu filho, que era monge. Esses contatos possibilitaram a Marcier manter o vínculo com o meio cultural do Rio de Janeiro.

Em 1954, Marcier fez uma viagem por mar à Europa, com escala em Lisboa; foi nessa ocasião que conheceu uma cidade com o nome da sua eleita: Barbacena. Foi à Madri e à França, levando a conselho de seu amigo, o poeta Roberto Alvim Corrêa, seus trabalhos, feitos em Santana, além de uma carta de apresentação deste, dirigida a Jean Casson, diretor do Museu de Arte Moderna de Paris.

Desejando fazer ali alguma arte, Marcier conseguiu o apartamento de seu amigo Primer e o utilizou como atelier, assim como, também, obteve a contratação da Galeria André Weil, embora reconhecesse que: “A pintura que eu fazia no atelier de Barbacena, não somente pela temática sacra, não estava na corrente da atualidade de Paris daqueles tempos” (MARCIER, 2004, p. 275), descartando a possibilidade de projeção. Embora isto tenha possibilitado um momento de reflexão, do qual ele nos dá a dimensão de sua satisfação e realização, como artista e pessoa.

Sem dúvida foi o único momento em que se podia processar a difícil solda entre os anos da minha juventude passados na Europa e os tempos que seguiram, como um Rosário, desde a partida forçada desta cidade, ao iniciar a guerra em 1939. Tinha então quarenta anos, na verdade achara um

¹⁵ Ibidem, p. 241-242.

equilíbrio perfeito entre a arte e a vida – minha mulher, meus filhos, meu sítio, meu cavalo, minha charrete, meu atelier, construído com muito sacrifício, tudo isso formava um todo.¹⁶

Após realizar sua exposição em Paris, Marcier voltou ao Brasil, encontrando com Julita, no Rio de Janeiro, de onde regressaram a Barbacena. Algum tempo depois nasceu sua filha caçula: Mônica Francisca Racz Marcier, em 1958, o que representou conforme mencionado, objeto de orgulho. “- Enfim, me considerava quase mineiro, tendo quatro filhos nascidos nas alterosas” (MARCIER, 2004, p. 304).

Depois de sua viagem à Europa, Marcier recebeu inúmeras cartas dos amigos que lá reencontrou. Estas vieram como estímulo a cogitar uma futura exposição, muito embora nos tenha revelado estar:

Sempre preso por qualquer compromisso, de afrescos a telas de encomenda, cada vez mais me sentia como que pregado na cruz, as mãos cravadas na horizontalidade da família, os pés na verticalidade de uma arte que, naqueles anos de 1952, parecia anacrônica e marginal, se não fossem levadas em consideração as causas que geravam aqueles quadros.¹⁷

Quanto ao período de 1960, no qual Marcier pintou os afrescos da Capela de Nossa Senhora dos Sagrados Corações, atualmente pertencente à sede campestre do SESC - Serviço Social do Comércio, em Venda Nova-MG, aquele nos diz, em sua autobiografia.

Nessa época, eu ia muitas vezes a Belo Horizonte por causa dos meus laços com o convento dominicano e frequentes encomendas. [...] Algumas obras murais nos arredores da capital me fizeram trabalhar em verdadeiro regime de clausura. Quanto à pintura dos afrescos da capela de Venda Nova, trabalhava a noite inteira, repetindo a façanha de Mauá. O mesmo entusiasmo e a mesma fé me moviam e ficava horas intermináveis nos andaimes, que por sinal melhoraram em relação aos anteriores.¹⁸

Marcier aqui nos revela e complementa, em resposta ao que havia iniciado a falar, sobre “[...] As causas que geravam aqueles quadros” (MARCIER, 2004, 251). Sempre aí prevalecendo o reflexo de sua conversão e fé atual:

Colado no muro sem poder recuar no andaime, surgiam as figuras, que somente pintava por encomenda, como devoções à Virgem com o Menino, já que o exangue Corpo do Senhor Crucificado continuava a ser a imagem com que mais me identificava.¹⁹

Marcier nos conta, também, que o vitral de grandes dimensões, pintado na parte frontal da capela do SESC de Venda Nova, foi realizado com o aproveitamento do projeto da capela de Mauá: “O cartão do grande vitral da Ressurreição, que desenhei para ser

¹⁶ MARCIER, 2004, p. 276.

¹⁷ MARCIER, 2004, p. 251.

¹⁸ MARCIER, 2004, p. 304.

¹⁹ Idem.

executado em São Paulo não passaria de um jogo de cristais coloridos, iluminados pelo sol” (MARCIER, 2004, p. 305).

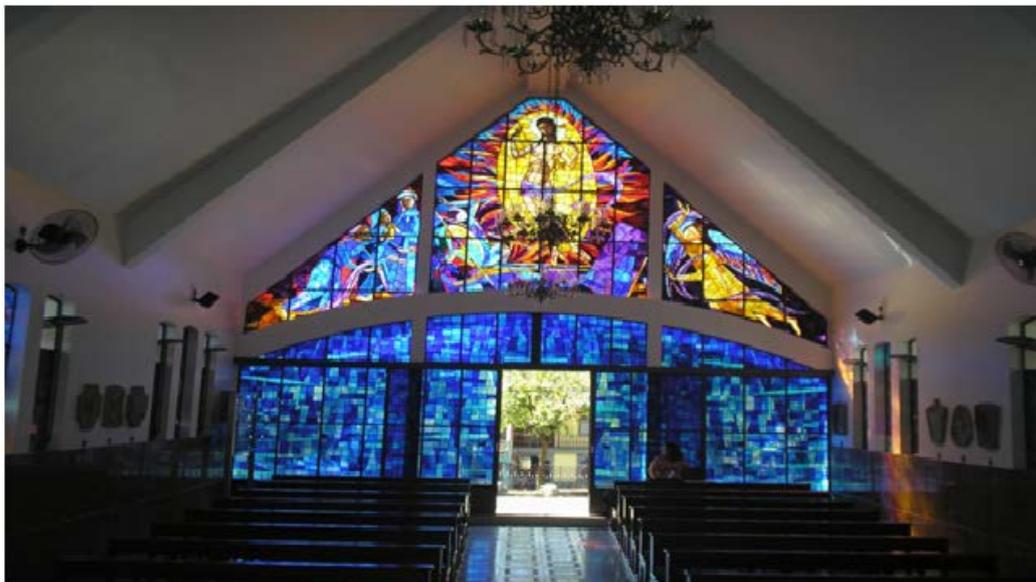


Figura 07. Vitral “Cristo Ressuscitado”. 1960.

Entrada principal da Capela Nossa Senhora dos Sagrados Corações – SESC – Venda Nova-MG.

Foto: Ilton José de Cerqueira Filho.

A entrega da capela ao culto foi realizada com uma missa, ao qual Marcier se fez presente, naquela memorável data, conforme ele mesmo nos revela.

De terno e gravata, sentado num banco, olhei para trás – autoridades, dignatários eclesiásticos, a pequena nave repleta de gente – a luz penetrava através do vitral e o Vitorioso da Morte exibia suas chagas, penhor de muitas noites passadas ali pintando.²⁰

Foi através de encomendas de inúmeras realizações artísticas, sejam Ceias, Vias Sacras ou murais, muitos dos quais intermediadas por Frei Martinho, que Marcier obteve os meios de sustento de sua família, “Assim, o intenso movimento: Vias Sacras, Ceias e murais garantiam a sobrevivência da pequena comunidade de Santana” (MARCIER, 2004, p. 305).

Embora tenha aparentado, com sua mudança para Barbacena, segundo observou Anna Paola, que sua “[...] Ascensão profissional foi subitamente cortada, em certo sentido, pela forma tomada pelo processo de enraizamento definitivo no Brasil: a interiorização, com a mudança para o sítio em Barbacena”²¹, porém faz-se necessário observar que quase a totalidade da obra mural de Marcier, foi executada em localidades interioranas. Podemos deduzir, desta observação, que o tradicionalismo e a marcante religiosidade, características

²⁰ MARCIER, 2004, p. 305.

²¹ BAPTISTA, Anna Paola. Encontro de Colecionadores: Emeric Marcier na Coleção Anita e Samuel Malamud. Curadoria e texto de Anna Paola Baptista. Rio de Janeiro: Museu Castro Maya, 2009. p. 38.

predominantes das cidades do interior de Minas Gerais, prestaram-se na afirmação de sua trajetória como pintor com a temática religiosa, conforme complementou a autora citada, ao acrescentar que “[...] É neste momento, principalmente [...], que Marcier vai solidificar a reputação de importante pintor religioso brasileiro moderno” (BAPTISTA, 2009, 38).

Com a transferência da Capital Federal, do Rio de Janeiro para Brasília, em 1960, aquela cidade perdeu sua polarização política. Este fato fortaleceu as galerias de arte, pois os pintores deixaram de “fazer política” com sua arte, não mais doando seus quadros por pura amizade ou, em troca de favores, embora vigorasse aquele panorama da década de 1940, no qual poucos compravam quadros.

Além das visitas de pessoas de Belo Horizonte, do Rio de Janeiro e de Juiz de Fora, o que ligava o Sítio Santana aos grandes centros era a pintura, a amizade e a hospitalidade, Marcier as recebia, quer fosse para almoçar, jantar ou mesmo para pernoitar. O que não significava uma vida de grande abundância, conforme declarado pelo próprio Marcier:

Totalmente dedicado à pintura, os encargos progressivamente mais pesados da manutenção de uma numerosa família, as raras vendas dos meus quadros, cujos preços eram baixos, apenas cobriam minha necessidades para sobrevivência imediata.²²

Certa ocasião, Marcier recebeu José Carvalho, acompanhado do marchand italiano Franco Terranova, estes vieram pedir que Marcier voltasse a residir naquela cidade. Em atenção ao pedido, Marcier adquiriu um apartamento, no Leblon, sinalizando um retorno profissional à cidade.

Na solidão de seu atelier, naquele novo espaço, Marcier continuava a pintar seus quadros com temas religiosos, sentia-se sem o ânimo que possuía na década de 1940; quando pintou em Penedo, Sabará, São João Del Rey, Congonhas, Ouro Preto, Diamantina e Salvador, na Bahia; ou da década de 1950, quando pintou em Cataguases, Minas Gerais.



**Figura 08. “A Criação do Mundo”. 1956.
Educandário Dom Silvério, Cataguases-MG.**

²² MARCIER, 2004, 316.

Foto: Ilton José de Cerqueira Filho.

Sobre sua produção mural Marcier nos acrescentou, a respeito que: “Paralelamente ao trabalho no ateliê, ainda executei alguns afrescos, mas isso também teve fim, pois além de ser muito cansativo e mal remunerado obrigava a me ausentar do sítio.” (MARCIER, 2004, p. 319).

A década de 1960 foi marcada por uma mudança nos costumes e nas relações entre as galerias, os artistas e colecionadores. Estes passaram a adquirir por amor à arte e ao belo. Foi através de uma dessas operações de venda que Marcier conheceu Lílian Lacerda, que comprou uma “*Crucificação*”, tornando-se frequentador de sua residência, onde conheceu o marchand romeno Jean Boghici, que criou uma galeria de arte, em 1960, com o nome de *Galeria Relevo*. Inaugurada com uma exposição das obras de Marcier, em agosto de 1961, localizada em Copacabana; que ditou, por mais de dez anos, os destinos da vanguarda das artes plásticas.

Sob a condição de filiado desta Galeria que Marcier realizou, em 1961, uma exposição de desenhos, feitos durante seus, então, 25 anos de trabalho. A Galeria Relevo tinha como diferencial possibilitar o ingresso de artistas iniciantes e desconhecidos no mundo das artes. Além deste fato positivo, o surgimento deste espaço, segundo Marcier, prestou um grande serviço à mentalidade artística que se firmava: “Que pintura também se compra!” (MARCIER, 2004, p. 325).

Como na década de 1960, haviam diminuído as encomendas para a realização de murais, Marcier ocupava seu tempo na pintura de cavalete, para às exposições estabelecidas pelo contrato e realizadas até 1968, época na qual, segundo o próprio Marcier, “Ainda tinha uma encomenda ou outra de Cataguases ou Belo Horizonte, onde acabara de executar os meus últimos murais” (MARCIER, 2004, p. 331).

Embora não deixasse de crer e continuar a ter como referencial de sua fé, a pessoa de Jesus Cristo, Marcier desejou não mais executar obras murais.

À medida que melhoravam as condições materiais para a execução destes murais, andaimes mais sólidos, operários mais dedicados, o meu trabalho um pouco mais bem remunerado, estranhamente tinha menos entusiasmo e eu sentia um cansaço quando subia nos andaimes, sem mais aquela loucura que me arrebatava na capela de Mauá, dez anos antes.²³

Ou, como ele mesmo viria a declarar: “[...] O Cristo litúrgico não me motivava mais [...]” (MARCIER, 2004, p. 368).

Nos diversos momentos em que foi assaltado pelas adversidades e decepções, Marcier nos revela que sentiu vontade de um retorno à Europa: “Novamente a tentação, que tantas vezes me assaltara nos anos aqui em Santana. Voltar à Europa, de onde fora

²³ MARCIER, 2004, p. 334.

arrancado contra a minha vontade, bater em retirada e esquecer tudo isto, ainda que não aceitasse a separação definitiva com os meus...” (MARCIER, 2004, p. 337).

Marcier conta que foi convidado pelo Governo de Bucareste para uma exposição, ocorrida no dia 4 de novembro 1968, no salão do Ateneu Romano, dentre as autoridades presentes, encontrava-se o Ministro Marcos Coimbra, além de seu irmão, Francisco e sua sobrinha, que o visitou, no período em que esteve hospedado na embaixada.

Enquanto meu irmão, acompanhado de sua filha, perdia-se no meio deste público, sem saber se olhava os quadros com paisagens que até podiam ter sido pintadas em paragens bem conhecidas da nossa infância em comum: Baía Maré, Cluj ou as montanhas misteriosas dos Cárpatos; pois não eram aquelas mesmas evocadas nas minhas telas pela Mantiqueira? Quanto aos Cristos dolorosos, o Homem pendendo do legno da Cruz, ombros ensanguentados, costas açoitadas, mesmo se nada daquilo pudesse lembrar os ensinamentos recebidos quando crianças, certamente evocariam os sofrimentos e humilhações a que fora exposto durante a guerra passada.²⁴

E conclui, expressando mentalmente, o seu desejo:

Queria voltar a Barbacena ou tentar dar forma às minhas ideias pictóricas. Mesmo sendo inspirado pelo Evangelho, que naquele momento só chegara a minha percepção pela Paixão de Bach, tinha mais a ver com a vida cheia de sofrimento, que eu tentava desvendar, pois sem achar um sentido não seria possível aceitar tudo isto... e, finalmente conseguir a Paz.²⁵

Depois de 1971, Marcier fixou, de forma definitiva, sua residência no Rio de Janeiro. O período compreendido entre os anos de 1988 e 1990, como foi dito pelo jornalista Alberto Dines, em novembro de 2002, por ocasião da apresentação do *Deportado Para a Vida: “Tinha muito o que pintar. Mas parou para contar.”* (MARCIER, 2004, p. 14), escreveu suas memórias e a história de sua vida e arte.

Sobre a influência de suas vivências e experiências pessoais, refletirem na própria obra, Marcier admite ter ocorrido; seja em releituras ou sutis pontos de expressão artística. Muitos com significação íntima, não se revelando, portanto. Um reconhecimento apenas possível, como citado pelo escritor mineiro Affonso Romano de Sant’Anna, se seguirmos na *“Direção biográfica e confidencial.”* (SANT’ANNA, 1983, p. 15). Ou seja, através do conhecimento e compreensão de sua história pessoal; argumento validado por Marcier, ao responder sobre as possíveis relações entre pintura, vida e religião: *“A vida é misturada com arte e, como ambas, tanto a vida como a arte, ainda mais requer fé, você só pode viver bem se tiver fé e esperança em alguma coisa.”* (MARCIER, 2004, 409).

Por ocasião de sua estada em Paris, veio a falecer naquela cidade, a 01 de setembro de 1990. Em atendimento ao seu desejo, expresso em vida, seu corpo foi trasladado para

²⁴ Ibidem, p. 403.

²⁵ Ibidem, p. 407.

Barbacena e sepultado no cemitério contíguo à Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte.



Figura 09. Emeric Marcier.²⁶

Foto: Acervo de Matias Francisco Racz Marcier.

Artigo recebido em 22 de jul. 2017

Aprovado para publicação em 13 de out. 2017

Referências

AHLERS, Silvia. *Murais de Marcier em Mauá: Afrescos na Capela da Juventude Operária Católica*. Universidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado, 2006.

BAPTISTA, Anna Paola. *Encontro de Colecionadores: Emeric Marcier na Coleção Anita e Samuel Malamud*. Curadoria e texto de Anna Paola Baptista. Rio de Janeiro: Museu Castro Maya, 2009.

CERQUEIRA FILHO, Ilton José de. *Interconexão Entre Pintura, Vida e Religião: A Obra Mural Sacra Moderna de Emeric Marcier*. 2012. 209 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas – Universidade Federal de Juiz de Fora-MG, 2012.

MARCIER, Emeric. *Deportado Para a Vida*. Francisco Alves, Rio de Janeiro-RJ: 2004.

MENDES, Murilo Monteiro. *O Pintor Marcier*. O Pintor Marcier. In.: Síntese. Revista Moderna de Cultura. Volume 11, nº 33. 1944.

O GLOBO. *Exilados da Segunda Guerra Ganharão Memorial*. Marcelo Remígio. Primeiro Caderno. Editorial O País. Publicado em 29 de maio de 2011.

²⁶ Foto de Emeric Marcier, no atelier, em Paris, 1976.

PACHECO BAPTISTA, Anna Paola. *O Exílio Como Pátria Amada*. Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 3, nº 29, fevereiro de 2008.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. *Estória dos Sofrimentos, Morte e Ressurreição do Senhor Jesus Cristo na Pintura de Emeric Marcier*. Edições Pinakothek. Rio de Janeiro-RJ: 1983.